

A CEIA DO SENHOR E COMPROMISSO SOCIAL

* Professor Doutor em Teologia
no ITESP.

*Antônio Carlos de Oliveira Souza**

Resumo:

O a. apresenta de início, o desafio de relacionar Eucaristia e vida cotidiana. Tendo isto em mente, apresenta as 'origens' da Eucaristia e suas relações com a vida do próprio Cristo e com a cultura e rituais em que ele e seus discípulos viviam. Circunstanciando o momento político da Palestina do século I, e ao mesmo tempo, superando os limites desta visão, o a. situa a Eucaristia tendo em mente seus símbolos, a reunião com os 'íntimos' e as festividades do calendário religioso judaico. Reflexões sobre os dados da antropologia semítica, dos símbolos do pão e do vinho e dos elementos simbólicos relacionados à refeição complementam a rede de conceitos básicos para a compreensão da Eucaristia no sentido cristão. Perpassa o texto também, a preocupação com o sentido 'cotidiano' da Eucaristia, isto é, 'as fomes' do ser humano.

Palavras-chave:

Eucaristia: origens; Eucaristia: cotidiano; Eucaristia: compromisso social; Eucaristia: símbolos.

INTRODUÇÃO

A Eucaristia, que celebramos, é muitas vezes um rito vazio, repleto de espiritualizações e verbalizações mas não contempla a realidade em que vivemos. Quantas comunidades partilham o Pão da Vida e o Vinho da Salvação mas não se preocupam com o pão e a vida de seus participantes. A Eucaristia implica ou não num compromisso social? Preocupa-se a Ceia

do Senhor com o pão, a vida, a saúde, o trabalho e o sustento de quem a celebra?

Jesus de Nazaré celebrou um rito vazio ou quis fazer um gesto humano que tivesse um valor útil, simbólico e sacro-religioso? A Ceia do Senhor é consequência da vida que partilhámos ou é um rito espiritual que pacifica nossas consciências e rega nossos olhos para a realidade do cotidiano?

A reflexão a seguir é uma tentativa de resgatar a concepção original da Ceia do Senhor no seu contexto sociocultural e suas consequências para os dias de hoje. A abordagem será a partir de uma análise antropológica, procurando seu significado simbólico-sacramental, redescobrimo sua originalidade nas comunidades neotestamentárias, o sentido dado pelos discípulos de Jesus e sua atualização na história.

1. JESUS DE NAZARÉ E A ÚLTIMA CEIA

1.1. As preocupações de Jesus de Nazaré

Jesus de Nazaré foi um homem que se preocupava eminentemente com o seu povo. Toda sua vida foi uma contínua doação. Nascido no seio do povo, identificou-se com a história, o despojamento e a pobreza de sua gente. Esperava com sua ação provocar uma situação de mudanças, acreditando na chegada do Reino de seu Pai. Sua opção de vida em favor dos pobres e excluídos é um dado teológico pois queria realizar a vontade do Pai e fazer que todos tivessem vida e a vida em abundância (cf. Jo 10,10).

Ele tinha consciência de que suas atitudes políticas, sociais e religiosas em favor do povo provocariam um conflito com as autoridades civis, religiosas e possivelmente esse atrito o levaria à morte e talvez até a dispersão dos apóstolos e discípulos. Jesus de Nazaré foi julgado, sentenciado e executado por Pôncio Pilatos, procurador romano, sob a acusação de traição ao domínio romano. Milhares de revolucionários, judeus rebeldes, foram julgados e mortos pelos governadores romanos. O povo judeu era na sua maioria contrária ao domínio romano e alguns até tentaram derrubá-lo e restaurar o reino de Israel. Jesus podia prever que seria culpado em tal conspiração e sabia que suas declarações de ser o rei dos judeus, o herdeiro do trono de Davi, o Messias esperado, complicariam sua vida: *Encontramos esse homem subvertendo nossa nação, impedindo que se pague impostos a César e pretendendo ser o Messias, o Cristo, Rei* (Lc 23,2).

A inscrição na cruz, *o Rei dos Judeus*, não deixa dúvidas sobre a acusação que pesava sobre ele. Será que Jesus era culpado

ou não dessa acusação? Jesus teria realmente incitado o povo a se revoltar? Teria ele se oposto ao pagamento dos impostos aos romanos? Declarou-se realmente *Rei e Messias*? Planejou derrubar o governo tirano e restaurar a autonomia política de Israel?

Alguns extremistas afirmam que Jesus era culpado porque se proclamara Messias e queria incitar uma revolta violenta para libertar seu povo dos romanos. Ele estaria profundamente envolvido na política de seu tempo e seus discípulos teriam sido um movimento religioso semelhante ao dos zelotas. Ressalta-se a semelhança entre Jesus e os zelotas. Um dos doze apóstolos era conhecido como Simão, o Zelota (cf. Lc 6,15; At 1,13) e às vezes afirma-se que Judas, Pedro e até os filhos de Zebedeu seriam também zelotas.

Alguns discípulos, após morte de Jesus — como o próprio Paulo — serão confundidos e tratados como líderes revolucionários judeus, provenientes do Egito (cf. At 21,37-38). Outros afirmam, e com extremismo, que Jesus era totalmente inocente das acusações políticas, que ele não queria incitar o povo a uma revolta armada e o julgam um pacifista. Afirmam ainda que todos deveriam pagar impostos e ele próprio era um Messias Espiritual. Jesus não teria nada a ver com a política de seu tempo e sua mensagem era totalmente espiritual, religiosa e que as acusações eram invenções dos líderes religiosos que invejavam sua liderança e a queriam destruir.

Essas duas maneiras extremadas de enfocar as atitudes de Jesus são anacrônicas e procuram interpretar conceitos de épocas posteriores e visões específicas dentro de acontecimentos do passado. Os judeus não fazem distinção entre política e religião e questões que hoje nós classificamos como políticas, sociais, econômicas e religiosas, são vistas, pela mentalidade semita, numa visão global: *sob a ótica de Deus e de sua Lei*. As chamadas questões políticas na visão judaica não podem ser concebidas como questões de Israel com o poder de Roma, mas são questões religioso-políticas. Jesus diferencia-se das atitudes dos zelotas, não porque queria manter-se fora da política. Para os contemporâneos tratava-se de uma questão religiosa e esperavam que um homem religioso que tivesse uma opinião como ele tinha, posicionando-se sobre o sábado ou sobre o jejum (Mt 12,1-14).¹

Jesus queria que o povo de Israel fosse libertado do imperialismo romano como também o desejavam os zelotas, os essênios e os herodianos. Os evangelistas não se preocupavam particularmente com esta postura política de Jesus pois esses relatos não interessam para aqueles que viviam fora da Palestina e após a queda de Jerusalém no ano 70 d.C. já não era uma questão relevante.

1 Para se ter clareza e equilíbrio sobre a causa da morte de Jesus de Nazaré, é preciso conhecer o ambiente, as estruturas da sociedade do seu tempo. Cf. A. NOLAN, *Jesus antes do cristianismo*. São Paulo, Paulinas, 1987, pp. 135-140.

Lucas, em seu evangelho, quis voltar às fontes originais (cf. Lc 1,1-4) e se fundamenta em documentos que devem ter sido escritos na Palestina antes da queda de Jerusalém. Muitos peritos chamam esse documento de Proto-Lucas e afirmam que muitas passagens de Lucas e dos Atos dos Apóstolos provam dessa fonte. Esse Proto-Evangelho se refere constantemente à libertação de Israel.

As pessoas que aparecem nesse Proto-Lucas, desde o nascimento de Jesus e sua infância, são aqueles que esperavam pela libertação de Jerusalém (cf. Lc 2,38) e pela consolação de Israel (Lc 2,29). Jesus sonhava em cumprir essa esperança político-religiosa mas ultrapassa as atitudes dos zelotas. Ele quer libertar Israel de Roma provocando, porém, uma mudança de mentalidade no interior do próprio Israel pois é preciso libertá-lo de qualquer tipo de imperialismo. A missão de Jesus foi persuadir os discípulos a chegarem à causa fundamental de toda a opressão e dominação: *a aceitação e compaixão pelo ser humano*.²

Se o povo de Israel não tivesse compaixão e aceitação, será que Israel, derrotando os romanos, tornar-se-ia mais livre do que antes? Se os judeus continuassem colocando suas seguranças nos valores humanos do dinheiro, do prestígio, da solidariedade grupal e do poder, será que a opressão romana não seria substituída por uma opressão cultural judaica, igualmente sem compaixão e amor?

Jesus se preocupava com a libertação no sentido mais autêntico e profundo, que ultrapassava as atitudes dos zelotas, herodianos, essênios e fariseus. Os partidos políticos da época sonhavam com troca do governo romano por um judeu. Jesus quer algo mais profundo: a mudança de atitude perante o poder. Ele percebeu que havia mais opressão e exploração econômica, religiosa e social dentro do judaísmo do que fora dele. O povo sofria muito mais devido à força opressora dos escribas, saduceus, fariseus e zelotas do que o poder romano. A causa fundamental da opressão era a falta de aceitação e compaixão pelo ser humano, homem e mulher. Aqueles que protestavam contra a opressão romana não tomavam conhecimento da opressão que exerciam sobre os pobres e pequenos. Os zelotas lutavam pelo nacionalismo judaico, pela superioridade racial semita e pela supervalorização de preconceitos religiosos. Jesus pregava o amor, a solidariedade e a fraternidade para com todos os seres humanos, independente de raça, cor, sexualidade e até de religião (cf. Jo 4,7-27).³

2 Cf. J. MATEOS — CAMACHO, F., *Jesus e a sociedade de seu tempo*. São Paulo, Paulinas, 1992, pp. 97-98.

3 Cf. A. NOLAN, *Jesus antes do cristianismo*, op. cit., pp. 103-108.

1.2. A convocação dos íntimos

Preocupado com sua possível morte e a dispersão de seus discípulos, Jesus de Nazaré convoca Pedro e João para prepa-

rarem uma ceia de despedida (cf. Lc 22,7-18). Essa convocação de Pedro, João e possivelmente Tiago, é figura fundamental para se entender e pressupor os sonhos de Jesus. Ele quis fazer uma ceia com o grupo seletivo de amigos e íntimos para que fossem depositários de seu testamento e dos últimos desejos.

Na passagem de Marcos 14,17 aparece claramente seu desejo de Jesus de estar reunido com os *doze* (cf. Mt 26,20). Durante suas atividades de pregador, tinha o costume de fazer refeições com muitos convidados. Muitas vezes foi convidado a participar de refeições: a ceia na casa de Simão (cf. Mc 14,3ss); a ceia com um fariseu (cf. Lc 7,36ss); as bodas de Caná (cf. Jo 2,1-11).

Muitas vezes, o próprio Jesus acolheu junto de si muitas pessoas. É acusado de receber os pecadores e comer com eles (cf. Lc 15,1). Em outra ocasião ele toma a refeição na casa de Levi (cf. Mc 2,15ss). Foi até acusado de comilão e bebedor, amigo dos publicanos e pecadores (cf. Mt 11,19). Por vezes, fez refeições ao ar livre (cf. Mc 6,32-44; 8,14; Jo 4,8-31; 21,12). Outras, ainda, é rodeado pelos discípulos e seguidores.

Ao convocar Pedro e João para prepararem a ceia, manifesta seu desejo de reunir-se com os íntimos. Pedro era o líder natural do grupo e uma pessoa de temperamento comunicativo que catalisava os anseios do grupo. Ele está presente nos momentos mais marcantes. João era o amigo predileto junto com Tiago, seu irmão.

Os autores do Novo Testamento, especialmente Lucas, classificavam os seguidores de Jesus em três grupos: *a multidão, os discípulos e os doze apóstolos*. São categorias simbólicas que indicam o grau de intimidade e imitação do Mestre. *A multidão* era atraída pelas maravilhas realizadas por Jesus. Quer ouvir suas mensagens, apreciar seus milagres, maravilhar-se com seus prodígios. Os *discípulos* são os que ouvem e procuram colocar em prática seus ensinamentos. *Os doze* são os íntimos, os que convivem mais de perto, imitam suas atitudes e mudam de mentalidade e de vida a partir dessa intimidade.

O que queriam esses apóstolos, os íntimos de Jesus? Certamente não eram apenas os doze homens mencionados em Mt 4,18-22, Lc 5,1-11, Mc 1,16-20 e em Jo 1,35-42. Certamente faziam parte do número seletivo dos íntimos, as mulheres mencionadas em Mc 15,40, como Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o Menor, filho de José, e Salomé, mãe dos filhos de Zebedeu (cf. Mt 27,56).

Os *doze* são assim os íntimos, os que convivem mais de perto com Jesus de Nazaré e fazem parte deste grupo dos íntimos, um grupo de mulheres e as crianças que freqüentavam sua intimidade. Ao escolher para essa última ceia os íntimos, quis deixar seu testamento e que suas últimas palavras e dese-

jos fossem entregues a eles. Calcula-se que na última ceia estavam cerca de vinte a trinta pessoas, levando-se em conta o lugar onde foi realizada e as circunstâncias em que transcorreu.⁴

1.3. A última ceia e o dia de Nisan

Para entendermos a *última ceia* é preciso analisá-la em todo o seu contexto, levando em consideração os textos sinóticos, paulinos e outros neotestamentários. Textos sinóticos Mc 14,12-26; Mt 26,17-29; Lc 22,7-20.

É importante considerar o contexto litúrgico da Ceia Eucarística e a narrativa da Paixão. A ceia parece ser um elemento da Paixão. Dentro da crítica literária atual, a narrativa da *paixão* representa o desenvolvimento de um longo processo. Para se entender bem, é necessário considerá-la desta maneira: primeiro, *A ceia e a Paixão*: resultado de um processo descritivo; e a seguir, *O horto das Oliveiras e a Paixão*: uma narração mais livre. Podemos ver que se trata de duas narrações: uma mais longa e a outra mais breve.

A narrativa da *última ceia*, como *ceia eucarística*, vem na última etapa da formação mais longa. Por isso, assim se sucedem as quatro etapas desse desenvolvimento: a) No início da comunidade, encontramos a narrativa da Paixão como parte da pregação querigmática (cf. 1Cor 11,23); b) Na segunda etapa, a narrativa da Paixão inicia-se com a prisão de Jesus no horto das Oliveiras; c) uma narrativa ulterior, inicia-se com a entrada de Jesus em Jerusalém, com textos mais longos e tardios que os primeiros; d) A narração mais longa visava salientar a preparação para a Páscoa.

Existe uma coincidência entre João e Marcos ao narrar a Paixão (cf. Mc 14-15 e Jo 18-19). Podemos observar que há textos que existem por si mesmos como descrição da Ceia do Senhor. Há outros que são narrativas em preparação à Páscoa.

Analisando Mc 14,12-16, constatamos indicações cronológicas que não coincidem com o contexto. O dia 14 de Nisan é o primeiro dia da Páscoa, segundo esse texto. Porém, isto não é possível; dos versículos 12 a 17, aparecem o termo *discípulos* e de 17 a 20 aparece o vocábulo *os doze*. Percebe-se que há um texto elaborado a partir de um esquema mais ou menos comum no Novo Testamento. Atrás desse texto literário, encontramos um motivo central: existe *uma pessoa* que possui um poder superior, simbolizando a importância da pessoa de Jesus que realiza um ato profético ao realizar a ceia.

A Ceia narrada por Marcos tem como finalidade apresentar Jesus num ato messiânico e real. Samuel envia a Saul discípulos (cf. 1Sm 10,2-5). Jesus enviou dois discípulos para prepara-

4 Para uma visão mais realística e exegética sobre o número de pessoas que participaram da Última Ceia, veja-se J. JEREMIAS, *Le Parole dell'Ultima Cena*. Brescia, Morcelliana, 1973, pp.49-51. Estamos habituados a imaginar o número de participantes da Ceia do Senhor influenciados pela tela de Leonardo da Vinci que coloca apenas os 12 Apóstolos, mas uma análise exegética mostra outra realidade! Veja as alusões ao grupo dos íntimos que o seguiam mais de perto e faziam parte desse grupo em Lc 8.1-3; 24,33; At 1,21-26.

rem a ceia. Esse texto foi elaborado a partir de duas fontes diversas: Texto A: *No primeiro dia dos Ázimos*, é um texto mais seco, histórico; Texto B: com diversas características e pormenores. O documento A é mais verossímil porque aí não existem elementos miraculosos e estupendos. Jesus toma refeição na casa de um amigo que fazia parte de seu grupo e em sua casa fará a ceia de despedida. No documento B, Jesus envia dos discípulos e eles de modo fantástico e milagroso acham o lugar para a ceia. Marcos engloba o texto A e B, porque esses já existiam antes dele. O sentido do texto A tem uma historicidade provável que não possui dificuldades. Jesus não dá nenhum sinal a seus discípulos. O título de Mestre é mais importante. Trata-se de um texto primitivo que se encontra em Mateus 26,17-19. No texto B, Jesus é considerado uma grande autoridade. Corresponde, na versão de Setenta, a um homem trazendo um jarro como em Samuel 10,2-5. Jesus teria uma presciência.

A entrada solene em Jerusalém e a celebração da Páscoa são condições para o messianismo de Jesus. Ele possui autoridade real, profética e messiânica. O que nos interessa nesse contexto é que Jesus fez a ceia eucarística num contexto pascal, possivelmente no dia 14-15 de *Nisan*, que era uma data importante para a cultura judaica. Nesse primeiro dia do ano, no primeiro dia da lua cheia, os judeus celebravam o início da primavera com a festa do Cordeiro e dos Pães Ázimos. A festa do Cordeiro era um rito religioso familiar e tribal muito comum entre os pastores nômades do deserto. Trata-se da oferta de um cordeirinho imaculado, que era imolado em favor do rebanho, pedindo proteção. Conforme o ritual familiar, ele era imolado e seu sangue era aspergido nas telas de entrada das tendas e, mais tarde, no batente das portas. Tinha o sentido de exorcismo e era realizado em clima familiar e tribal sem a presença do sacerdote. Era realizado à noite e no primeiro plenilúnio, do primeiro dia do ano. Era assim o *dia Nisan ou Abib* (cf. Ex 12,6; Lv 23,5; Nm 28,16; Dt 16,2-2).

Nesse dia também, começava a festa dos Pães Ázimos, *Massôt*, que consistia em comer o pão sem fermento, sem enzimas. Os ázimos (cf. Ex 13,4; Lv 23,6; Nm 28,17), o *pão novo*, feito de grão novo, *Massat*, que se concluía com a festa da colheita dos povos agrícolas. Durante sete dias, a partir do primeiro dia do primeiro mês do ano — *dia de Nisan* — a população se alimentava desses pães ázimos (*Massôt*). Era assim uma festa ligada à colheita dos grãos (Lv 23,30). Com o ano novo tudo se renovava e se rompiam os laços com o passado. Essas duas festas, a do Cordeiro e a dos Pães Ázimos (*Massôt*) coincidiram com a saída do Egito, na noite de Abib ou Nisan, sendo celebrada assim a *Pesha*, a *fuga*, a *passagem do Egito*, a *Páscoa*.⁵

5 O Dia de Nisan é um dia festivo e importante para os judeus. A Última Ceia é feita num contexto pascal, no início do primeiro plenilúnio do primeiro mês do ano. Cf. J. JEREMIAS, *Le Parole dell'Ultima Cena*, op. cit., pp. 17-22. Para melhor conhecimento sobre o sentido e a importância do Dia de Nisan, veja-se A. ADAM, *O Ano Litúrgico*. São Paulo, Paulinas, 1982, pp. 13-14; H. SCHLESINGER, *Pequeno Dicionário do Judaísmo*. São Paulo, Paulinas, 1987, p. 182.

1.4. Jesus de Nazaré e o *partir do pão*

Naquela noite, Jesus sabendo que chegara sua hora, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim (Jo 13,1). Jesus de Nazaré quis fazer um gesto humano: reunir-se em comunidade para fazer sua despedida em um ceia. Essa ceia tem um valor útil pois realizou-se no sentido cultural da época, usando alimentos e bebidas da estação. Tem um valor simbólico uma vez que ele quis reunir-se com os íntimos: homens, mulheres e crianças que o ouviam e o seguiam de perto. Tem um valor sagrado, além disso, visto que acontece numa comunidade escolhida e dentro de um rito sacro-religioso, dentro do espírito da *Pesha* que sintetizava a Festa do Cordeiro e dos Pães ázimos.

Esse gesto de Jesus de Nazaré não é totalmente original, dado que existem em todas as religiões refeições sagradas e especificamente no contexto judaico. Jesus quis dar um novo sentido a esse gesto uma vez que o fez com características próprias e dando um novo sentido. A comunidade neotestamentária: após sua morte e ressurreição e a vinda do Espírito Santo no dia de Pentecostes, colocou essa ceia como centro de sua vida dado que aí está o testamento e a presença viva de seus últimos desejos. A *memória* dessa ceia será celebra em *memoriais* que ganham expressões simbólicas através dos tempos.

Para se entender e valorizar essa visão sobre a *Ceia do Senhor* é necessário considerar o sacramento da Eucaristia, a partir de uma ótica existencial não ontologizante.

Os sacramentos são concretizações do *mistério* de Deus, são fatos significativos da vida humana dentro de uma transformação religiosa do profano. É a re-leitura de um fato sócio-histórico com um sentido religioso novo.

A *ceia do Senhor* é assim o ápice do processo existencial da iniciação cristã. O *batismo* é a inserção nessa vida nova, colocando homens e mulheres no processo de nascimento e de desabrochar para uma vida nova. A *confirmação* é o crescimento, a maturidade de opção e de vivência, iluminado e guiado pelo Espírito Santo. A *eucaristia* é o alimento, a transformação do ato social de reunir-se para partilhar a vida, os alimentos. A fome do pão leva à fome da Vida, conduz ao sentido humano da partilha, dá sentido ao sustento da vida.⁶

Na Ceia, Jesus de Nazaré quis dar um lugar privilegiado para o Corpo: *Tomai e comei: isto é meu corpo* (Mc 14,22; Mt 26,20). *Tomai e bebei: isto é o cálice da Nova Aliança em meu sangue que será derramado por vós* (Lc 22,20). Quando usou a expressão *meu corpo*, (Mc 14,22; Mt 26,20), Jesus a empregou dentro de sua mentalidade semita.

6 Cf. F. TABORDA, *Sacramentos, práxis e festa*. Para uma teologia latino-americana. Petrópolis, Vozes, 1987, pp. 61-70.

Na antropologia grega, o ser humano, homem e mulher, possui duas dimensões: ele tem um corpo (*soma*) e um espírito (*pneuma*). São duas realidades distintas, conflitantes, possuindo o espírito, a primazia sobre o corpo. Na antropologia semita, no contexto usado por Jesus, o ser humano — homem e mulher — são seres complexos, possuindo três dimensões que refletem a mesma realidade. Ele é cosmos (*bassar*), um ser profundamente enraizado no universo. Através do *bassar*, o corpo revela a dimensão simbólica do seu ser. É ainda sociedade (*nefesh*); nasce, cresce e se desenvolve numa comunidade. Ele é chamado a exercer sua liberdade, fazendo cultura na transformação desse ambiente. Mas o ser humano é ainda espiritual (*ruah*), possuindo uma dimensão transcendental. Possui um *elan* transcendental e através do espírito encontra o significado para sua vida.

Ao dizer *Tomai e comei, isto é o meu Corpo*, Jesus estava se comunicando a partir de seu contexto semita. *Corpo* é aqui a manifestação visível e concreta do seu ser. Ao apresentar o *pão* para ser partido e comido como o seu corpo, tinha consciência do alcance de suas palavras. Sabia que o corpo que estava dando para se alimentar não era só o *Corpo* na mentalidade grega, mas era a maneira de melhor expressar suas idéias e convicções.

Naquela noite, *Jesus sabendo que chegara sua hora, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim* (cf. Jo 13,1). Temendo que os íntimos se dispersassem, Jesus quis deixar o seu testamento, a marca característica de seus discípulos: *Dou-lhes um novo mandamento: Amai-vos uns aos outros como eu vos amei* (Jo 13,34). Ele ia dar sua vida pelos discípulos e quis que eles dessem entre si uma prova de amor até a doação da vida, se fosse preciso. Nisso eles seriam reconhecidos como discípulos, se tivessem amor uns pelos outros até a doação total da vida.

Para expressar esse desejo, Jesus tomou o *pão*, abençoou-o, partiu-o e deu-o aos seus discípulos. O *Pão* que ele estava repartindo e iriam comer não era um *pão comum*, mas o *Pão da Vida* que expressava sua mentalidade. *Comer* desse *pão* partido é assumir o ideal do Mestre: amar os outros até à partilha, à doação suprema.⁷

7 É importante ler e entender os relatos da Ceia do Senhor a partir da antropologia semita. Uma visão no seu sentido mais profundo ajuda a compreender melhor o *Pão da Vida*, *O Vinho da Salvação*, *o Corpo e Sangue do Senhor*. Para uma maior compreensão da visão semita sobre o ser humano e sua maneira de se expressar, veja-se H. W. WOLF, *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo, Loyola, 1975, pp. 22-60.

2. JESUS DE NAZARÉ E O COTIDIANO

Ao reunir os seus íntimos na última ceia, Jesus quis fazer uma refeição que matasse a fome de seus discípulos. O *pão* partido e o *cálice* dividido era uma resposta aos momentos angustiantes que iriam passar.

2.1. A fome de alimento e a fome da vida

O alimentar-se é um ato indispensável do ser humano em vista da conservação do seu conjunto. Como ser cósmico (*bassar*), o ser humano necessita de alimentos para se manter. É um fato biológico que sacia os anseios básicos dos seres vivos. Mas, além de ser um fato biológico, é um fato social que representa uma cultura de domínio sobre a natureza, dando sentido de posse. É fruto do trabalho, dando segurança. O alimento é assim um combustível para a vida, uma fonte de energia e de equilíbrio. É ainda sinal de segurança, posse da terra e da possibilidade de trabalho. A posse de bens é símbolo de fartura, saúde e de bem-estar. A carência de alimentos denota insegurança, miséria e desequilíbrio.

Dentro desse contexto, a fome é um grito de alerta do corpo biológico e social que está morrendo. A fome é a manifestação da Vida e denúncia de algo errado ou que está morrendo. A fome, no corpo biológico, provoca o desequilíbrio, a doença e a dor. No corpo social, revela a perda de segurança, desequilíbrio entre o capital acumulado e o trabalho perdido. É a manifestação do acúmulo de bens e os desníveis de partilha.⁸

Todos nós na sociedade brasileira, já vimos e constatamos essa realidade. O Brasil é um grande produtor de alimentos, mas há muitos que passam fome por não terem condições de sobrevivência. Além dessa fome cotidiana, temos ainda os que passam carestia de alimentos. É a ausência total de alimentos, desespero e senso de não saber onde e como encontrar alimentos. É o desequilíbrio total que afeta gerações.

O problema da fome é sério no mundo globalizado, sofisticado e auto-suficiente que vivemos. Conforme os dados da ONU, o mundo tinha em 1900, um bilhão de habitantes. Em 1980, já eram mais de 8 bilhões de pessoas e dessas, muitas passam fome e não têm alimentos. Só no Brasil, temos 32 milhões de pessoas que vivem na miséria e passam fome.⁹

A fome, ao lado da sede, tornou-se um símbolo, figura dos anseios mais profundos dos homens e mulheres. Há pessoas, como muitos políticos, que têm fome e sede do poder e da glória. A fome é assim a denúncia dos males de uma sociedade que acumula, privatiza, concentra os bens nas mãos de poucos. Revela a ausência da partilha e da decisão.

Mas o que isso tudo tem a ver com a Ceia do Senhor e das nossas Eucaristias? Jesus veio para trazer Vida e trazê-la em plenitude (Jo 13,1). A vida é um dom dado por Deus a ser realizado em todas dimensões, seja como ser cósmico (*bassar*), seja como ser social (*nefesh*) e religioso (*ruah*). A existência plena é um direito fundamental de todos. O alimento é sinal de

8 Cf. A. MANARANCHE, *Ceci est mon corps*. Paris, Éditions du Seuil, 1975, pp. 119-138.

9 O texto base da Campanha da Fraternidade de 1995 traz um relato da situação dos excluídos de nossa sociedade. O Brasil possui 64,5 milhões de pessoas em condições de pobreza, ou seja, com rendimentos *per capita* igual ou inferior a meio salário mínimo. No Brasil, conforme o mapa da fome elaborado pelo IPEA, existem 32 milhões de brasileiros, uma população equivalente à da Argentina, que se defrontam diariamente com o problema da fome. Cf. CNBB, *A Fraternidade e os Excluídos. Eras tu Senhor?* Texto-base. São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, 1994, pp. 12-31.

segurança, equilíbrio, símbolo do trabalho, revelação de uma sociedade que produz, partilha e consome.

A presença da fome é um alerta para a morte de gerações, a existência de injustiças no usufruir da vida. A Ceia do Senhor é a refeição que se comunica no gesto do inconsciente coletivo do grupo dos íntimos de Jesus de Nazaré. Era um reunir-se para alimentar. É o gesto de unidade do grupo que revela o dinamismo do viver.

A fome do alimento é a fome da Vida. É a busca para a realização de sonhos. A eucaristia como perpetuação da Ceia do Senhor é um anúncio de que a Vida é um dom dado a todos em suas múltiplas dimensões. É a denúncia contra as injustiças no usufruir da vida e dos bens. Celebrar a Eucaristia é ter consciência de que a partilha é sinal concreto do Amor. É convocação para atualizar os sonhos de Jesus presente naquela Ceia do *dia de Nisan*.¹⁰

10 Cf. XIV CONGRESSO EUCA-
RÍSTICO NACIONAL, *Eucaristia: Fonte de Missão e Vida Solidária*. São Paulo, Paulus, 2001, n. 53-54.

2.2. Simbolismo do Pão

Jesus de Nazaré fez uma ceia de despedida com os íntimos no contexto histórico de sua época. Nessa refeição, havia o cordeiro, o pão, o vinho, as frutas da estação, as ervas que foram preparadas e deglutidas conforme o ritual. Mas ele fez questão de destacar os dois alimentos — o pão e o vinho — que representam duas culturas sobre a natureza: a cultura do trigo e das uvas. Representam a passagem do ciclo das estações. O trigo se colhe na passagem da primavera para o início do verão. O vinho se faz na passagem do verão para o outono. São símbolos de duas culturas agrícolas e sedentárias, representando o sentido cósmico-antropológico de passagem da morte para a vida. É a semente de renovação e de restauração.

O pão é extremamente rico de simbolismo. É a imagem do trigo moído e transformado. O grão é lançado na terra, morre e se renova na espiga. Os grãos de trigo são recolhidos, triturados, moídos para se transformarem em pão. São frutos do trabalho e da cultura humana. É a passagem contínua da morte para a vida, onde muitas pessoas dão seu suor, sua vida para elaborar o pão.

O pão é o alimento básico do oriente e do ocidente. Torna-se o símbolo do salário, do trabalho, do sustento e da vida. Ganha até expressões verbais do mundo cotidiano: ganhar o pão; comer o pão com o suor do rosto; comer o pão que o diabo amassou! Faz parte da vida pessoal e social, expressando a luta pelo sustento, pela construção da Vida.

O *Pão dividido* tornou-se um símbolo, um sinal que representa a união, a co-responsabilidade, a divisão do mundo dos bens. Partir o pão é partilhar os bens que dão sustento à vida.¹¹

11 Idem, n. 55-56.

Existe ainda a teoria do *bolo-Pão* que justifica certas teorias econômicas onde se coloca o Estado sobre as pessoas. Acredita-se e defende-se que o crescimento econômico de uma sociedade levariam ao bem-estar das pessoas. É a teoria das estatísticas onde se ilustra com números, justificando o acúmulo de bens! Pura ilusão de quem defende que o acúmulo e o acréscimo de bens levariam à maior divisão e usufruto pelas pessoas!

O Pão no Brasil é o símbolo de nosso sistema econômico, fundamentado em teorias neoliberais. Estamos na era da globalização econômica, onde as leis de produção e consumo geram a exclusão e marginalização de pessoas do mercado. Basta estar atento para se perceber como o Pão no Brasil provoca uma série de conseqüências que refletem a ausência da partilha e conclusão. O desnível salarial, o desemprego, o subemprego desmascaram nossa realidade ausência de fraternidades e participação nos bens. A questão da terra e da moradia revelam a distância entre a fé e a realidade de vida. Muitas lideranças católicas que freqüentam as Eucaristias não aceitam nem sequer falar de reforma agrária ou urbana. São heresias sociais que afetam sua fé.

A ciranda dos juros elevados, o desmanche das indústrias nacionais, os dogmas da qualificação total não aceitam falar em divisão de lucros. São planos que não atingem a esfera espiritual da eucaristia. A globalização econômica vê com descrédito as alternativas de produção, desses consumos!

O *Pão partido* por Jesus na última ceia é um símbolo para se fazer presente no meio da comunidade: amar uns aos outros como Jesus amou, até dar a vida pelos outros, partilhando bens, sonhos e conquistas. O pão que usamos na ceia não se resume no pão físico, não se resume num amontoado de grãos de trigo moídos e transformados... Não se atêm apenas no pão social que reflete nosso sistema econômico. É o Pão da Vida, o Corpo do Cristo Ressuscitado como apelo de partilha e esforço de comunhão de sonhos. É o Corpo do Cristo que nos faz *recordar sua memória e nos atualiza num memorial que leva a atitudes concretas no pão cósmico, social e espiritual*.¹²

12 Idem, n. 53

2.3. Simbolismo do Vinho

Para compreendermos bem o simbolismo do vinho, é necessário considerar o sentido da vinha da qual é feito o vinho. A produção do vinho como trabalho do ser humano, requer a posse da terra e a segurança para nela trabalhar. A vinha é um símbolo rico na literatura bíblica. *A vinha é símbolo da felicidade, da alegria e da fertilidade*. Símbolo da *felicidade* pois, a colheita da uva, o cultivo da vinha e a produção do vinho exi-

gem a posse da terra, a segurança para exercer seu trabalho e a produção cultural do vinho. Israel é chamada de *vinha do Senhor*. Metáforas bíblicas cantam essa figura poética (Ver Is 5,1-7; Sl 80,9-10 e Jo 15,1-5). Na mitologia, o vinho feito da terra e do trabalho humano, é considerado a bebida dos deuses e da imortalidade. Revela assim o inconsciente coletivo da humanidade mostrando o vinho como elemento divino nos sonhos e nos arquétipos.

O vinho, quando tomado em excesso, deixa o homem bêbado que numa linguagem metafórica, revela a libertação da sua consciência. O vinho é assim o elemento mágico que potencializa o ser humano a viajar num mundo novo, maravilhoso, divino e espiritual. Em categorias freudianas, é a libertação do *ego*, a libertação da consciência moral e do dever regidos pelo *super-ego* e a entrega total ao *Id*, viajando pelos porões escuros do nosso mundo instintivo.

Nas línguas hodiernas há um nexos profundo entre o álcool e o Espírito, revelando uma das facetas do inconsciente coletivo da humanidade. Temos assim as bebidas espirituais que levam o ser humano a buscar no espírito a fuga da materialidade e a libertação do tempo e do espaço.¹³

Podemos assim perceber um nexos entre o Espírito e a Eucaristia, a partilha do Pão da Vida, do Cálice da Salvação e a presença do Espírito Santo.

Na Eucaristia, realizamos a Memória que se faz *Memorial (Anámnesis)*, fugindo do tempo e do espaço. A presença do Espírito (*Epiclesis*) que dá sentido e transforma o Pão na presença vida de Jesus e do seu testamento e a oferta do Vinho que se faz Sangue, doação total aos seres humanos. É a *presença* que extrapola os conceitos temporais, lançando o ser humano nos desafios do amor incondicional e na total oblação em favor dos outros.

Jesus de Nazaré quis beber do mesmo Cálice e compartilhar com os íntimos os desafios do seu Reino. Beber do cálice compartilhado é beber e viver da mesma fonte de energia; é participar do mesmo destino e ideal. Esse gesto de beber do cálice traz em si uma simbologia. Encontramos exemplos freqüentes nos povos e o gesto de compartilhar o cálice com vinho em rituais de Matrimônio e sacrifícios culturais. Beber da mesma taça e depois quebrá-la, representa a união de duas pessoas para a eternidade. Nos sacrifícios culturais, o vinho é elemento freqüente, revelando sua conotação de imortalidade.

Um estudo sobre a etimologia nas línguas modernas revelou um nexos profundo entre as bebidas alcoólicas e o espírito. É mais uma *epifania* do inconsciente coletivo da humanidade. Bebida espiritual é aquela que leva ao *transporte* do Corpo para o Espírito

13 J. CHEVALIER — A. GHEERBRANT, *Dictionnaire des symboles*. Paris, Laffont/Jupiter, 1970, pp. 386-387. Verbetes: *Vigne, Vin*.

sente-se fraco, mortal e finito. A comunhão com Deus fortalece o ser humano, dando-lhe a força e coragem para suprir suas deficiências.

Para se *apossar* de Deus e de sua força, os seres humanos se servem de sacrifícios divinos que, através de ritos e símbolos, os fazem participantes da divindade. O caminho dos ritos possibilita aos seres humanos atingirem a divindade. Alimentos divinos são oferecidos para serem consagrados como vítimas! Vítimas são imoladas e consumidas respondendo aos anseios da comunhão divina. A força divina, os sonhos da imortalidade e da vida são realizados através de refeições sacrificiais divinas.

Na história da humanidade nos deparamos com alimentos divinos que substituem a força de Deus. No imaginário popular, existem alimentos simbólicos que possuem a força da imortalidade. Na história dos povos vemos situações em que animais que substituem simbolicamente a divindade. Nos povos da Irlanda, temos, por exemplo, o cordeiro; as lendas do Minotauro, as festas de Dionísio, na Grécia e de Baco, em Roma. Esses animais simbólicos são oferecidos, consagrados e imolados em rituais sagrados e o seu sangue simbolizado pelo vinho, são bebidos para se obter a força da Vida. O sangue do cordeiro ou do touro sacrificados vem ritualmente substituído pelo vinho, representando a força dos deuses. Tudo é feito num clima religioso, simbólico e místico.

Entre os astecas do México, encontramos um sacrifício ritual divino onde um pão em forma de criança é oferecido e imolado. O ritual acontece duas vezes ao ano e substitui o *deus-sol* num ritual religioso. Esse pão é abençoado, consagrado, imolado e comungado num clima de fé no divino, na força do deus-sol capaz de reviver a vida. As idéias básicas míticas desses sacrifícios rituais divinos são de que Deus é o único capaz de alimentar os sonhos do ser humano. Sua força é dada através de vítimas divinas, representações simbólicas dos deuses.

A comunhão com o divino se faz através do culto sacrificial das vítimas. Apossar-se de Deus através de símbolos é o sonho dos seres humanos! A força divina é repassada aos homens, dando resposta às suas fraquezas e limitações.¹⁸

18 Cf. A. MANARANCHE, *Ceci est mon corps*, op. cit., pp. 127-139.

3.2. Refeições humano-divinas

Existem refeições sagradas onde divindade e humanidade partilham alimentos. Essa comunhão das ofertas sagradas é sinal de compromisso e fidelidade um ao outro. Segue-se o ritual sacrificial onde as ofertas são oferecidas como vítimas. O ritual *consagratório* prepara a vítima para a imolação. A comunhão feita em nome da divindade se realiza pela destruição do

fogo ou pela consumação do sacerdote em lugar de Deus. A parte humana é consumida por quem faz ou oferece a vítima.

As Sagradas Escrituras nos relatam diversos sacrifícios onde Jaweh e os homens realizam sacrifícios comuns onde entram em compromisso e realizam um pacto. Jaweh é o Deus da Aliança que faz promessas e espera fidelidade dos que realizam esse *sacrifício de conclusão* (Gn 15,1-8; Lv 3,1-5; Dt 12,17; Jz 20,26; 21,4).

As idéias míticas centrais são de intimidade, parceria e purificação. Sentar-se simbolicamente à mesa com a divindade implica santidade, familiaridade, criando um grau de parentesco. Deus e o ser humano são parceiros íntimos que juntos fazem uma refeição simbólica. O compromisso da Aliança implica bênção em caso de fertilidade e maldição em caso de infidelidade.¹⁹

19 Cf. *DICTIONNAIRE DES SYMBOLES*, op. cit., ver verbete *Sacrifice*, pp. 138-139.

3.3. Refeição como memorial

A refeição como Memória de um evento passado histórico ocupa lugar de destaque nas refeições sacrificiais de culto. Há a comemoração de um evento que é celebrado numa refeição memorial onde Deus intervém de algum modo em favor do povo. A refeição é *historicizada* dentro de um ritual religioso. A refeição como Memorial que é mais significativa na Bíblia é a *Pesha* judaica. A Memória do Passado se faz presente num Memorial simbólico. É um marco histórico. O símbolo se faz vivo na celebração. A *Pesha* abrange duas festas comemorativas do passado: a festa do Cordeiro que recorda o período nômade do deserto e a Festa dos Pães Ázimos (*Massôt*) que recorda o início da colheita dos grãos de trigo.

Foi exatamente na comemoração dessas datas (memórias) que se deu a Páscoa Judaica. A *Pesha* é assim uma Refeição-Memorial onde Deus e os seus fiéis se assentam à mesa para recordar um marco divino do passado. Os alimentos, os símbolos rituais recordam o grande acontecimento do Passado, atualizando a opção do povo em favor de Jaweh e de seus desígnios.²⁰

20 Cf. J. JEREMIAS, *Le Parole dell'Ultima Cena*, op. cit., p. 99.

4. EUCARISTIA: REFEIÇÃO SAGRADA DOS CRISTÃOS

A Ceia do Senhor que vem sendo recordada e atualizada na eucaristia engloba diversos elementos do inconsciente coletivo dos cristãos. Existem idéias básicas da Ceia do Senhor que vão dar sentido e atualidade à Eucaristia. Sem esses conceitos básicos e vivências centrais, a Eucaristia perderia o seu sentido cultural e estaria desvirtuando o mandamento do Senhor. *Fa-zei isso em memória de mim!* A partir desses conceitos básicos,

é possível ver a originalidade da Ceia do Senhor e testemunhar a atualização do gesto. Podemos elencar essas idéias centrais.

4.1. Reunião

A eucaristia é o ato de reunir-se, sair do egoísmo para formar comunidade. É saída do *eu* para se formar um *nós*. Jesus de Nazaré se reuniu com os Apóstolos, seus íntimos para deixar um Memorial de seu mandamento! A Eucaristia não é uma devoção particular a ser feita no individualismo. Trata-se de uma reunião para fazer memória e memorial do Testamento do Senhor. Por isso, a eucaristia como ideal, deve ser celebrada ao menos com mais uma pessoa. Nessa reunião se faz Memória do que é atualizado no Memorial, exigindo decisões para a vida.²¹

21 Cf. XIV CONGRESSO EUCA-
RÍSTICO NACIONAL, *Eucaristia:
Fonte de Missão e Vida Solidá-
ria*, op. cit., n. 260.

4.2. Reunião com Jesus Cristo para fazer Memória (*Anámnesis*) e Memorial (*Epiclesis*).

A Eucaristia não é uma reunião de pessoas para discutir política, filosofia ou idéias teológicas. Trata-se de uma Memória-Memorial. Recorda-se em primeiro lugar a Ceia do Senhor onde ele deixou seu Novo Mandamento e Testamento: *Todas as vezes que vocês partirem esse pão e beberem esse cálice de vinho estarão anunciando a minha morte até que eu volte*. Esse gesto faz Memória daquela noite de Nisan onde ele lavou os pés dos discípulos, tomou, abençoou e partiu o pão e o vinho para serem compartilhados e consumidos. É a proclamação da presença do Senhor que se perpetua nas atitudes coerentes da vida. *Amai-vos uns aos outros. Não existe maior prova de amor que dar a vida para os outros. É nisso que os discípulos serão reconhecidos*. Reunir-se com Jesus Cristo, atualizando o gesto de partilha, compromisso e missão.²²

22 Cf. COMISSÃO TEOLÓGICO-
HISTÓRICA DO GRANDE JUBI-
LEU DO ANO 2000, *Eucaristia,
Sacramento da Vida Nova*, op.
cit., pp. 32-33.

4.3. Reunir-se com Jesus Cristo para Louvar

Louvar: *Eulogia*. Na ceia eucarística, a comunidade louva a Deus pelas maravilhas realizadas na história da salvação. Louva pelo cosmos, o grande palco da doação de Deus onde ele se revela como Criador e fim último do universo. Através do universo, os seres humanos podem perceber a harmonia, a ordem, a beleza do Deus Criador. A natureza é a grande sinfonia das maravilhas do Senhor. Louvamos pelas culturas humanas que vão transformando a natureza, criando sua identidade e deixando suas marcas. Louvamos pela história de Israel, onde Deus escolhe um povo a partir da fé e fidelidade de Abraão. Louvamos pelos patriarcas, pelos profetas onde homens e mulheres

23 Idem, p. 55.

lideraram esses povos na caminhada histórica. Louvamos pela Encarnação de Jesus que vem dar sentido à humanidade.²³

24 Idem, pp. 61-62.

Agradecer: *Eucaristia*. O núcleo central da Ceia do Senhor é o agradecer. Eucaristia é ação de graças da humanidade que louva e agradece por Jesus Cristo que é o máximo de doação de Deus aos homens e às mulheres. Esse sentimento é tão forte que desde o início do cristianismo a Ceia do Senhor passou a ser chamada e conhecida como Eucaristia: *ação de graças*. O tomar o pão e partilhar do vinho passam a ser símbolos de ação de graças por excelência.²⁴

25 Idem, p. 60.

Pedir: *Preces eucarísticas*. A Ceia do Senhor é no seu conjunto a grande prece do cristão. As preces vão ser na liturgia o grande louvor e ação de graças que se tornam as preces da caminhada da comunidade. Hoje já temos diversas preces eucarísticas que refletem o espírito da comunidade que invoca seu Deus, pede para suas necessidades. A Ceia do Senhor não é uma prece ou devoção particular mas um grito suplicante da comunidade que se dirige ao Pai através do Cristo-Ressuscitado por intermédio do Espírito Santo.²⁵

A Ceia do Senhor, como Eucaristia dos cristãos, é um compromisso de atualizar suas atitudes. Não é apenas uma Memória de fatos passados, mas a celebração do Memorial que exige decisões na vida social. Toda vez que comemos do Pão da Vida e bebemos o Vinho da Salvação estamos anunciando sua morte e esperamos sua vinda. Esse gesto implica o compromisso de atualizar o Testamento de Jesus: *Amai-vos uns aos outros como eu vos amei ... Não existe prova maior de amor que doar a vida pelos outros*.

A Eucaristia para não ser um gesto vazio, implica um compromisso de partilha do amor e das atitudes de Jesus; amor que exige doação, entrega, participação!

CONCLUSÃO: PÃO E VINHO DA SALVAÇÃO

Na Ceia do Senhor, o Pão que partilhamos e o Vinho que bebemos não são simplesmente Pão e Vinho. São símbolos da Vida, frutos da terra, do trabalho e da Justiça. Para nós cristãos, é o *Pão da Vida, a presença do Corpo do Cristo Ressuscitado* que dá forças para caminhar, partilhar e comprometer-se. O Pão e o Vinho são a Presença do Corpo do Cristo Ressuscitado como alimentos para serem partilhados e divididos.

O Corpo de Cristo e o seu Sangue são alimentos divinos que englobam realidades humanas profundamente significativas. Eles são símbolos de realidades que nos fazem sentir e comprometer-nos com os ideais e os sonhos de Jesus Cristo. A experiência da fome da Vida nos leva a reunir-nos em comunida-

de, onde se valoriza a Memória da Última Ceia, da Morte e Ressurreição de Jesus e se atualiza num Memorial celebrativo.²⁶

26 Idem, pp. 63-69.

Essa refeição do Pão da Vida e do Vinho da Salvação é realizada num rito sagrado. A festa do Corpo Social e religioso acontece num clima de música e dança! A festa da fé e do compromisso exigem participação e comunhão. A profundidade da Memória e do Memorial pedem interrogação e silêncio. A fé que professamos sobre o Corpo e o Sangue do Cristo acontece num clima de silêncio, meditação e compromisso. Professar a fé no Corpo e no Sangue presentes no Pão da Vida e no Vinho da Salvação exige a valorização das Pessoas e dos membros presentes na Ceia.

A Eucaristia como *Sacrifício* deve ser entendida dentro do elemento de oblatividade e gratuidade. Trata-se de um gesto de amor total de Jesus que se dá aos discípulos exigindo a perpetuação desse ato: *Isto é o Meu Corpo que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim. Este cálice é a Nova Aliança em meu sangue que é derramado em favor de vós* (Lc 22,19-20). Gratuidade, uma vez que se trata de uma doação de Jesus para os discípulos, pedindo que sua memória seja atualize. Jesus é o Pão da Vida! Quem vem até Ele, nunca mais tem fome e o que nele crer nunca mais terá sede (cf. Jo 6,34). Acreditar no Corpo de Jesus é viver a partilha do seu ideal. É atualizar sua fé no Pão da Vida que mata a fome biológica e social e dá sentido à vida. *Quem comer desse pão viverá eternamente* (Jo 6,58). Ele é o sentindo profundo da existência humana.²⁷

27 Idem, pp. 83-94.